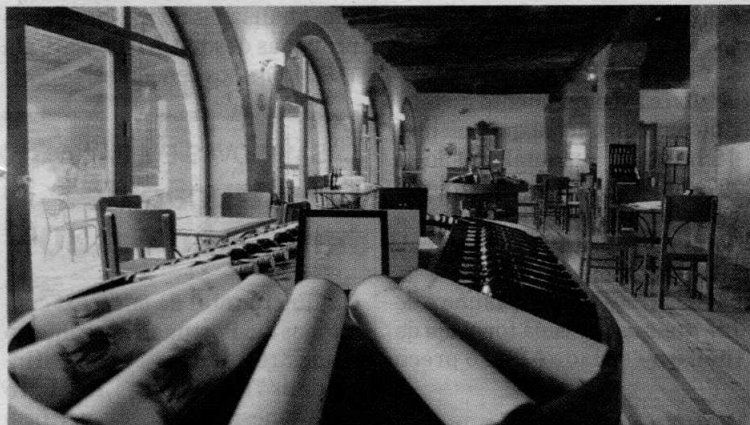


Amorim vende Burmester à Sogevinus

Arquivo DN-Ursula Zangger



SEGREDO. Valor do negócio com a CaixaNova não foi revelado

Espanhóis são já proprietários da Calém e querem ser líderes de mercado

■ ILÍDIA PINTO

A J. W. Burmester, companhia de vinho do Porto fundada em 1750 e propriedade do grupo Amorim desde 1999, foi vendida aos espanhóis da Sogevinus.

Detida a 100% pelos galegos da CaixaNova, a *holding* é proprietária da Porto Calém e da Calém Distribuição. O valor do negócio não foi anunciado, mas apenas que o investimento “traduz uma nova aposta da Sogevinus em ampliar o seu portefólio de uma forma sustentada”, sendo que o objectivo é claro e inequívoco: “Alcançar a liderança do mercado nacional”.

A meta é atingir um volume de negócios de 20 milhões de euros e aumentar as vendas para 4,5

milhões de garrafas anuais. Refira-se que a facturação consolidada da Sogevinus foi, em 2004, de 15 milhões de euros, e a da Burmester de três milhões.

Assim, ao portefólio de marcas distribuídas pela Sogevinus, e que incluem diversas bebidas importadas, juntam-se as marcas de vinho do Porto Burmester e Gilberts. Nos vinhos de mesa Douro, somam-se agora as marcas Tavedo, Burmester e Casa Burmester Reserva.

Segundo o DN apurou, de fora do negócio ficaram as propriedades que a Burmester dispunha no Douro, incluindo a Quinta Nova de Nossa Senhora do Carmo, onde em breve será inaugurado o primeiro hotel especificamente vocacionado para o enoturismo em Portugal. Assim, a Sogevinus adquiriu, apenas, as marcas, os *stocks* e as instalações da Burmester em Vila Nova de Gaia.

“A hotelaria é uma área de negócios na qual não estamos interessados em entrar para já. Queremos manter uma lógica no processo evolutivo do grupo, centrando a aposta no negócio do turismo de organização de eventos nas nossas caves”, explica Célia Lima, directora de *marketing* da Porto Calém. O interesse pelas propriedades também está limitado pelo facto de terem adquirido recentemente a Quinta do Arnzelo, em Foz Côa.

Sobre o eventual interesse da Sogevinus numa parceria, Célia Lima refere apenas que “saída dos sócios portugueses foi um processo natural e não forçado”.